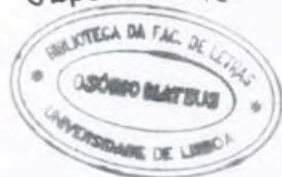


JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

II



UFL 071 00076



JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO COMPLETO

II

MAGDALENA

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

ADIEU!

PERSONAGENS

ANA, jovem

AMA, idosa

HOMEM, cerca de 50 anos

MARIA ANGELINA, Mãe de Ana

Cozinha espaçosa, limpa e bem arrumada. Janela à esquerda, protegida por artísticas grades de ferro forjado. Porta ao fundo, dando para o interior da casa. Pequena porta de serviço, à direita. À direita também, um fogão de lenha, antigo, com um panelão de água a aquecer e um grande pote, assente no clássico poial.

Mesa de cozinha, ao centro, de madeira maciça. Ao fundo, algures, um velho baú. Contrastando com estes testemunhos do passado, podem observar-se os mais diversos electrodomésticos, todos de modelo recente, dispersos pela cozinha.

A janela está aberta e as portas fechadas. É noite; uma noite estrelada.

Em cena, duas personagens: Ana e Ama.

Ana, debruçada à janela, olha lá para fora. É bastante jovem; veste com simplicidade e uma certa elegância, uma saia e blusa de cores claras.

Sentada à mesa da cozinha, Ama, uma velha criada vestida de preto, areia talheres, olhando às vezes, de soslaio, para a rapariga.

ANA (olhando a noite) — ... São lindas!... Tantas e tão lindas! (Poisa a mão sobre um livro colocado no peitoril da janela. Um tempo.) Pensar que muitas delas morreram há séculos. E outras... (Sorri. Folheia o livro, distraidamente. Um tempo. Poisa o livro.) ... Quem sabe?!... Talvez ainda não tenham nascido...

(Ama, observando Ana, faz uma breve pausa no seu trabalho mas logo volta a arear talheres.)

ANA (*debruçando-se mais*) — ... Vemo-las... porque as queremos ver. (*Voltando à posição inicial.*) Precisamos delas, imagino. (*Pausa.*) Do seu brilho, do seu calor... As estrelas...

AMA (*interrompendo-a mas continuando a arear talheres*) — Feche a janela, Menina... Olhe a friagem da noite!

ANA (*continuando à janela*) — Lindas... Tantas e tão lindas. (*Pausa.*) Mergulhadas no espaço, perdidas no tempo... (*Longa pausa. Sorridente.*) O universo, diz-se... (*Pegando no livro, sem o abrir.*) E há mesmo quem escreva...

AMA (*suspendendo o trabalho*) — Então, Aninhas! Feche a janela... (*Voltando a arear talheres, agora com verdadeiro frenesim.*) Se a sua Mãezinha sonhasse que a menina, ainda a esta hora...

ANA (*de livro na mão, voltando-se para Ama*) — Diz-se que o Universo tem quinze mil — repara... mas repara bem, mulher! — quinze mil... MILHÕES!... de anos de idade. (*Designando o livro.*) Está tudo aqui dentro. (*Folheia o livro, até encontrar a passagem que procura. Lê.*) Quinze... vezes dez à nona... é como eles dizem no último capítulo. (*Fecha o livro.*) No Anexo, ao último capítulo...

(*Ama, perplexa, deixa cair o talher que estava a arear. Um tempo.*)

ANA (*afastando-se da janela e deixando cair o livro no chão. Tom jovial*) — É claro que as contas podem estar erradas. (*Fecha a expressão.*) Todas as contas podem estar erradas. (*Toca com a ponta do pé no livro.*) Sempre! (*Um tempo. Fecha a janela, com um gesto brusco. Apanha o livro. Folheia-o. Um tempo. Inesperadamente, volta-se para Ama.*) Olha lá: e se tu me disseses uma coisa!?... (*Apontando o livro.*) Aqui dentro não vem, é claro. (*Larga o livro. Longa pausa.*) Como é o Amor, quando o Amor começa?

(*Ama suspende o trabalho. Volta as costas a Ana e, sem responder, dirige-se para o poial. Abre a torneira do pote, enchendo um púcaro de água. Prepara-se para beber.*)

ANA (*levemente impaciente*) — Tu deves saber, mulher!... Foste casada, tiveste dois filhos...

(*Ama poisa o púcaro, sem ter bebido.*)

ANA (*sarcástica*) — Marido e dois putos, dois herdeiros, hem!... Deves estar informada...

(*Ama, junto ao pote, encolhe-se, continuando de costas para Ana.*)

ANA (*passeando, animada, pela cozinha*) — O Homem, penso eu, sorri. (*Pausa.*) Um sorriso de homem. Um ligeiro sorriso. (*Pausa.*) Quente. (*Longa*

*pausa.) Penetrante. (Estaca. Poisa as mãos no espaldar de uma cadeira.) E pou-
sando, com suave firmeza, ambas as mãos sobre os nossos ombros...
(Sorri.) ... Que ele já se prepara para morder o fruto, é claro. (Ligeira,
vai até à janela. Bafeja a vidraça. Desenha no vidro, com o dedo.) O primeiro
beijo... (Apaga o desenho com as costas da mão e volta a bafejar o vidro.) Não.
Nem é preciso irmos tão longe. (Volta a desenhar no vidro.) O primeiro
olhar...*

*(Durante esta fala da rapariga, a velha Ama voltou a pegar no púcaro. Dirigindo-se para
a mesa, bebe água, com gestos pousados, rituais.)*

ANA *(voltando a limpar a vidraça e olhando lá para fora)* — E é como se esta janela
se abrisse de repente! *(Pausa.)* E as estrelas. De súbito. *(Pausa.)* Todas
elas. As que morreram há séculos e as outras — sobretudo as ou-
tras! — iluminando o Futuro... Estrelas eternas porque inexistentes...
(Rodopia, ficando voltada para Ama.) Entrassem... *(cingindo o busto, com os
braços)* ... por esta casa dentro! *(Pausa. Sorridente.)* A noite e as estrelas...
Todas as estrelas de um céu estrelado...

(Ama e Ana olham-se. Sorriem ambas. Um tempo.)

ANA *(deixando de sorrir e crescendo para Ama)* — Só mais tarde é que chegam as
mentiras.

(Ama recua para junto do fogão.)

ANA *(com melancolia)* — E algumas delas — quem sabe? — nem eram neces-
sárias... *(Brincando com os talheres.)* O silêncio. As palavras. *(Pausa.)* Mais
palavras. Outra vez silêncio... *(Varrendo bruscamente os talheres para o chão,
com o braço.)* As mentiras, pois!... As falsidades! *(De súbito, retira da mesa
uma gaveta e ergue-a acima da cabeça, ouvindo-se, lá dentro, o chocallar dos talhe-
res.)*

AMA *(aflitíssima)* — Esses não, Menina!... Por amor de Deus!

ANA *(atirando ao chão, com violência, a gaveta dos talheres)* — Todas as mentiras!

AMA *(tentando impedi-la)* — Oh, Menina!... Os talheres de prata! *(Ajoelha no
chão, começando a guardar os talheres de prata na gaveta.)* Se a Avó Carolina,
que Deus haja, pudesse ver esta estragação!

ANA *(alheada, passando um dedo pelo espaldar da cadeira)* — Suponho que é assim.
Que deve ser assim. *(Sarcástica.)* Pois não é assim mesmo que as pes-
soas gostam... e praticam? *(Segura-se, com força, ao espaldar da cadeira. Luta
e contorce-se, como se alguém estivesse a agarrá-la pelos ombros.)* Tirem as patas
de cima de mim!... Basta de sorrisos, beijinhos e olhares! *(Desprenden-
do-se da cadeira, com fingido esforço.)* Acabou a marmelada.



Este segundo volume
de *Teatro Completo* de Jaime Salazar Sampaio
foi composto e impresso nas oficinas gráficas
da *Imprensa Nacional-Casa da Moeda*
com uma tiragem de 1000 exemplares

Acabou de imprimir-se
em Setembro de mil novecentos e noventa e sete

CÓD. 205 153 000
ED. 4200095
ISBN 972.27.0863.5

DEP. LEGAL N.º 115 329/97